

MODO DE HABITAR AMAZÔNICO EM SISTEMAS: APROXIMAÇÕES COM O TIPO PALAFITA

MODO DE HABITAR AMAZÔNICO EN SISTEMAS: APROXIMACIONES COM EL TIPO PALAFITO

SYSTEMS OF HABITATION IN AMAZON SYSTEMS: APPROACHES WITH THE TYPE PALAFITA

Eixo 3 – Interfaces entre universidade e sociedade através do projeto: ensino, pesquisa e extensão.

Tainá Marçal dos Santos Menezes

Mestranda PPGAU/UFPA

Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão

Doutora, docente FAU/PPGAU/UFPA

Resumo: Aborda-se o modo de vida dos ribeirinhos em habitações tradicionais do tipo palafita da Amazônia. A ênfase aos aspectos culturais será contextualizada pela teoria sistêmica, especialmente o sistema cibernético e suas relações/interações espaciais. Busca-se compreender a importância cultural destas moradias teoricamente explicitadas por um ponto de vista cibernético-arquitetônico, com base na análise de *tipos*, para subsidiar intervenções arquitetônicas que valorizem permanências na paisagem amazônica e na cultura local.

Palavras-chave: habitar; tipo; sistema; Amazônia.

Resumen: Se aborda el modo de vida de los ribereños em habitaciones tradicionales del tipo palafito em Amazonia. La énfasis a los aspectos culturales será contextualizada por la teoría sistémica, especialmente el sistema cibernético e sus relaciones/interacciones espaciales. Se busca comprender la importancia cultural de estas viviendas teoricamente explicitadas por un punto de vista cibernético-arquitetónico, con base em la análisis de *tipos*, para subsidiar intervenciones arquitetónicas que valorizen permanencias em el paisaje amazónica y em la cultura local.

Palabras clave: habitar; tipo; sistema; Amazonia.

Abstract: This article studies the way of living of ribeirinhos on traditional houses, know as palafitas, in Amazonia. The cultural aspects will be contextualized with the Systemic Theory, especially the cybernetic system and their spatial relationships. Searching for understand the cultural importance of those buildings with a cybernetic-architectonic point of view, using the analyse of types for subsidize architectonic interventions, that enriches the Amazon landscape and the local culture.

Keywords: reside; type; systems; Amazon.

MODO DE HABITAR AMAZÔNICO EM SISTEMAS: APROXIMAÇÕES COM O TIPO PALAFITA

INTRODUÇÃO

A teoria sistêmica sob o enfoque da cibernética contribui para a compreensão do projeto arquitetônico de modo mais ampliado, pois segundo Bateson (1972) esta teoria facilita o entendimento de relações entre variáveis através de interações sistêmicas que possibilitam atuar sob uma perspectiva mais humana e, neste caso, ainda no nível do processo de projeto pelo *tipo*.

Pela teoria da cibernética, um sistema age por meio de interações de comunicação e controle estabelecidas entre as partes, ou subsistemas visando um equilíbrio global, visto que “o mundo natural que nos rodeia tem estrutura geral sistêmica”. (BATESON, 1972, p. 490) No entanto, ao receber informações de outro sistema pode sofrer distúrbios quando não há compatibilidade, mas ao mesmo tempo pode solucioná-los a partir da anulação da informação ou de adaptações ao sistema, as quais muitas vezes provocam a evolução ou alteração do mesmo.

A casa ribeirinha representa uma arquitetura vernácula ao ser entendida como uma arquitetura anônima, sem interferência do arquiteto e/ou engenheiro, exprimindo através de uma rede de interações aspectos simbólicos do ambiente em que está inserido que determinam o caráter regional e as aspirações pessoais e coletivas de determinadas populações, conforme Barda (2009) descreve a arquitetura construída de maneira espontânea. Age como um sistema ao dialogar com as condições físicas, ambientais e com os usuários ao mesmo tempo controlando as adaptações recorrentes de maneira que a tradição cultural não se perca.

A moradia construída e habitada pelo não arquiteto que, segundo Rudofsky (1964), é socialmente e culturalmente produzida, apresenta uma natureza complexa; não são apenas espaços que se realizam necessidades humanas básicas, como o abrigar-se; existem significados diversos para quem habita.

O estudo do *tipo* palafita justifica-se ao permitir a compreensão do padrão espacial da casa ribeirinha no contexto da cultura amazônica, aprofundando o conhecimento deste tradicional tipo de assentamento e sua importância cultural, além do fator

tratado por Oliver (2006), de que somente com a ajuda deste tipo tradicional de arquitetura é que se resolverá o desafio das construções sociais sustentáveis.

Cabe destacar que apesar de seu valor cultural, observa-se o constante rompimento com o modo de vida em casas ribeirinhas na Amazônia por meio de projetos habitacionais elaborados por arquitetos via poder público, contexto que sugere alguns questionamentos que devem ser explorados: como o arquiteto deve agir em ambientes que mantêm modos de vida tradicionais como as casas do tipo palafita da Amazônia? Como relacionar o conhecimento empírico do caboclo ribeirinho com o conhecimento técnico do arquiteto? Uma proposta é o uso do *tipo*, instrumento arquitetônico que, ao agir como ponto de partida do processo projetual, acentua as vivências espaciais dos usuários, resgatando aspectos da cultura tradicional de um povo. (PERDIGÃO, 2009)

A Cibernética como uma teoria consolidada e que atua através de relações/interações em sistemas apresenta mecanismos que possam dar conta de uma prática de arquitetura que tenha como ponto de partida o *tipo*, visto que se manifesta no âmbito das relações espaciais. Aponta nesta direção, pois além de atuar de maneira pontual (em subsistemas), não rompendo drasticamente com os indícios físicos do ambiente, foca no processo de projeto em sua complexidade e permite uma aproximação do usuário na produção espacial pela abrangência de operações e interações próprias de sua constituição teórica.

CARACTERÍSTICAS SISTÊMICAS SOB A ÓTICA DA CIBERNÉTICA

A Cibernética caracteriza-se como um campo teórico transdisciplinar absorvendo domínios de outras teorias, como a Teoria Geral dos Sistemas e interdisciplinar, por surgir da aproximação entre diversas áreas do conhecimento como a engenharia, a biologia, a química, a sociologia, etc. Foi introduzida no contexto moderno por Norbert Wiener (1894-1964), em 1948, a partir do desenvolvimento de uma teoria de relações sistêmicas. Esta ciência volta-se para o estudo da comunicação, organização e controle (regulação) de sistemas complexos, sejam estes orgânicos ou construídos para dar conta do seu funcionamento de maneira equilibrada.

Um sistema cibernético de primeira ordem estrutura-se por meio de interações entre as partes desse sistema, os subsistemas, agindo de maneira circular, ou seja, não obedecendo a uma hierarquia linear de ações, visando uma meta ou objetivo. Para isto, adota processos de “*feedback*” (realimentação) e autorregulação para compreender os fluxos de informações e comunicações estabelecidas nestas interações através da análise do estado atual e o objetivo do sistema. Este processo ocorre através da regulação das interferências do ambiente e dos sistemas circunvizinhos. (GLANVILLE, 2007 apud PASCHOALIN, 2012)

A busca pelo entendimento das interações entre sistemas (sistemas de observação) levou ao surgimento de uma cibernética de segunda ordem. Por volta de 1960, Heinz Von Foerster (1911-2002) reconhece a inseparabilidade entre sistema e observador, inserindo-o ao processo através da ampliação das noções de comunicação e regulação pela “segunda volta ao sistema” ou “duplo feedback”. O observador conduz o processo à resolução do problema através do primeiro feedback, depois refaz o percurso para confirmar se o sistema atingiu o equilíbrio. Além de um maior controle do sistema, este processo aproxima-se de temas como a autonomia, auto-organização e cognição, aprendendo como suas ações afetam o ambiente.

Instigado pela maneira que os sistemas relacionam-se por meio de interações comportamentais, o ciberneticista inglês Gordon Pask (1928-1996) adentra o campo arquitetônico e formula uma teoria de interação comunicativa entre sistemas denominada de Teoria da Conversação. Pask propõe uma teoria reflexiva em que “os participantes da conversa” dialogam para que através de uma interação linguística ocorra troca e/ou compartilhamento de conceitos afim de que os conflitos sejam solucionados. Os participantes dessa conversa, os sistemas, são organizacionalmente fechados, mas informacionalmente abertos e as trocas de informações constroem uma malha de vínculos a partir das coerências.

Para Pask, os conceitos abstratos da cibernética podem ser interpretados no âmbito da arquitetura a fim de gerar uma teoria cibernética arquitetônica mais consolidada que as teorias arquitetônicas existentes, (PASK, 1969) onde o projetar passa a ser uma atividade essencialmente dialógica, baseada em trocas, convencimentos e

acordos, não mais um processo linear, sequenciado e unidirecional. (PASK, 1980 apud PASCHOALIN, 2012)

Cabe destacar que as conversações podem ocorrer em diferentes níveis de organização a partir de interações espontâneas, seja entre indivíduos, entre indivíduo e cultura, sociedade e cultura, etc. (PASK, 1987 apud PASCHOALIN, 2012) As interações cognitivas entre os sistemas que compõem a realidade existencial reforça a importância de estudos que resgatem as relações espaciais entre homem e ambiente.

O TIPO PALAFITA COMO SISTEMA

A palavra tipo representa não a imagem de uma coisa a ser copiada ou perfeitamente imitada, mas a ideia de um elemento que deva servir como regra para o modelo. (MAHFUZ, 1984, p. 93)

A noção de *tipo* como uma construção abstrata de repertório a partir de relações espaciais e programáticas originou-se em Quatremère de Quincy (1755-1849) não devendo ser confundido com Tipologia, a qual é a sua representação em termos geométricos. (OLIVEIRA, 2010) O *tipo* é um princípio geral que atua na organização das relações espaciais a partir de precedentes que possuem valores culturais agregados. (PERDIGÃO, 2009) Como um instrumento cognitivo de caráter operativo ele age como ponto de partida e fio condutor do processo projetual, podendo criar diversos objetos totalmente diferentes com variações formais e estruturais, ou seja, a partir de um *tipo* pode-se obter inúmeros modelos ou tipologias.

Verifica-se que o *tipo* está presente na arquitetura vernácula por meio de um conhecimento vivo e compartilhado, de um saber tradicional que perdura no ambiente atual e constitui a linguagem própria de uma região. Ele atua no espaço da vivência, o qual possui caráter perceptivo. (PERDIGÃO, 2009) Comparando-o a um sistema cibernético, identifica-se que as interações ocorrem a partir das relações espaciais, a comunicação pertinente entre os usuários e o ambiente, sendo que é o controle que mantém a tradição viva. A aproximação do *tipo* a uma abordagem projetual possibilita o resgate da tradição de uma cultura sob o enfoque das premissas humanistas de espaços significativos.

Como uma civilização tradicional espontânea, as comunidades ribeirinhas reproduzem de maneira peculiar o *tipo palafita* às margens de igarapés, rios e furos da Amazônia indicando a resistência de uma cultura que se adaptou às terras baixas e alagáveis dominantes na Pan Amazônia¹ e a uma floresta densa. Sob “pernas finas de madeira”, as habitações amazônicas² do *tipo palafita*, dialogam com o corpo d’água durante a enchente e vazante dos rios, muitas vezes não existindo contato entre o caboclo ribeirinho e o chão.

Alexander (1971) afirma que exemplares informais pertencem a complexos sistemas de observação, não sendo contestadas pelos seus construtores e devido aos fortes laços de tradição fixam-se a redes de significados, resistindo a mudanças. Desta forma, o *tipo palafita* surge como um sistema que estabelece relações com materiais e técnicas construtivas locais, um diálogo com o rio, com o conhecimento empírico herdado dos antepassados e com a adaptação ao ambiente natural. Pode-se afirmar que as interações ocorrem entre subsistemas e de maneira circular por não haver uma regra rígida de ações quanto ao controle e adaptações a esse sistema.

Diversos autores afirmam que este modo de vida surgiu pela junção das culturas indígena, nordestina e europeia. A planta retangular, o telhado em duas águas, uma varanda rodeando a construção e janelas cegas com duas folhas são algumas similaridades que Oliveira Junior (2009) evidencia entre a casa ribeirinha com a casa popular nordestina. No que tange à cultura indígena, o uso de jiraus³ e a adaptação de materiais construtivos locais (como a madeira para a estrutura, o cipó para as amarrações e a palha para fechamentos e coberturas), além da identidade que os indígenas possuem com a aldeia, com o ciclo hidrológico e espaços de várzea são elementos ainda vistos nas comunidades ribeirinhas, (SIMONIAN, 2010; OLIVEIRA JUNIOR, 2009) como mostra a Figura 1.

¹ Amazônia Internacional. Abrange os países: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela e as Guianas Inglesa, Holandesa e Francesa.

² Existem dois tipos de habitações tradicionais ribeirinhas na Amazônia, as palafitas e as casas flutuantes, estas últimas são construídas sobre toras de madeira e adaptadas para boiar nos rios.

³ Espécie de grade de varas sob esteio fixado no chão que serve como cama, ou grelha externa à cozinha para expor ao sol alimentos, roupas, etc. (DICIONÁRIO INFORMAL)

Figura 01: Habitação nordestina, habitação indígena e palafita amazônica.



Fonte: Oliveira Junior, 2009; Simonian, 2010.

O madeiramento abundante contribuiu para a proliferação dessa tipologia que permanece até hoje no cenário amazônico como um organismo adaptativo que se multiplica de maneira aparentemente desordenada, mas que estabelece uma lógica com as questões culturais, geográficas e climáticas. Derivada de soluções mais simples, como exemplificado anteriormente, atualmente as palafitas atingem um maior grau de complexidade formal vista através da variação construtiva das casas, do arranjo comunitário e das necessidades e aspirações individuais de cada família.

Basicamente podemos dividir o *tipo palafita* em duas categorias: em palafitas urbanas e palafitas rurais, estas últimas localizadas em ilhas adjacentes. Mas de maneira geral, Oliveira Junior (2009) descreve as construções da seguinte forma: os fechamentos das paredes das casas são executados em pranchas de madeira, através de um sistema de encaixe que permite que o ribeirinho construa, reforme ou amplie as habitações e com pequenas frestas que permitem a ventilação no seu interior. Na parte externa as tábuas são sobrepostas e fixadas aos caibros que sustentam a cobertura, a qual varia entre palha de palmeira (ainda evidente em palafitas rurais) e fibrocimento ou de outro material construtivo que diminua a manutenção. O banheiro, normalmente separado do corpo da casa, ou nos fundos, é chamado de casinha e abriga uma pequena área sanitária que despeja os dejetos diretamente no rio; este é um dos fatores mais críticos a serem resolvidos neste tipo de solução habitacional. A Figura 2 exemplifica as tipologias.

Figura 02: Palafitas urbanas na Vila da Barca (PA) e Palafitas rurais na Ilha do Combu (PA).



Fonte: Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano – LEDH/PPGAU/UFGA

O arranjo comunitário varia em cada localidade. Em culturas de subsistência (em áreas rurais) há formação de cidades inteiras sob palafitas, como a cidade de Afuá no Pará, em que a população desloca-se através do rio e de estivas, assim como em outras comunidades mais afastadas percebe-se uma distancia maior entre as casas, preservando a tranquilidade e o contato com a natureza. Nas áreas urbanas, as palafitas são mais *apinhadas*⁴, produzindo os impactos negativos, como a insalubridade, que são destacados como indicadores da erradicação deste modo de vida. Esta diferença do arranjo comunitário é vista na Figura 3.

Figura 03: Arranjo comunitário das palafitas na ilha do Combu e na Vila da Barca (PA).



Fonte: Sampaio, 2013.

⁴ Termo regional para designar concentradas em pequenas áreas, adensadas.

O complexo sistema descrito representa o espaço da vivência dos ribeirinhos amazônicos e de acordo com Norberg-Shulz (1983), estes lugares são constituídos por elementos ou símbolos que dão significado ao espaço e são bases de orientação e percepção. Malard (2006) complementa afirmando que eles remetem às relações entre sujeito e ambiente, sendo determinadas pela tradição cultural e pelas experiências cotidianas já vividas, as quais estão impregnadas de emoções, sejam boas ou ruins. Por isso estes lugares são significativos, transmitem sensações. Rapoport (1978) afirma que um grupo de pessoas de uma mesma cultura constrói seu espaço perceptivo, ou seja, decodifica elementos no espaço que fazem sentido para o seu habitar.

Em algumas comunidades tradicionais do mundo observa-se uma maior padronização formal, como os iglus dos esquimós devido o processo de regulação do sistema ser mais rígido, mas nas palafitas amazônicas é evidente a variedade formal nas casas, principalmente quando são comparadas habitações de comunidades diferentes. Neste sistema, o controle se dá nas estruturas básicas que formam o complexo habitacional, que dialogam com a natureza e mantém as características tradicionais, pois nota-se que as comunidades ribeirinhas adaptam-se ao meio, mas dificilmente abandonam o *tipo palafita* como modo de vida.

Cabe destacar que de acordo com Alexander (1971) as formas de ambientes tradicionais são vivas e não estáticas, logo sofrem adaptações. O sistema identifica a necessidade de mudança para manter-se em equilíbrio, como ocorre nos recorrentes ajustes de materiais, principalmente no ambiente urbano em que há escassez de materiais naturais, ficando evidente que a partir do *tipo* podem-se obter diversos modelos.

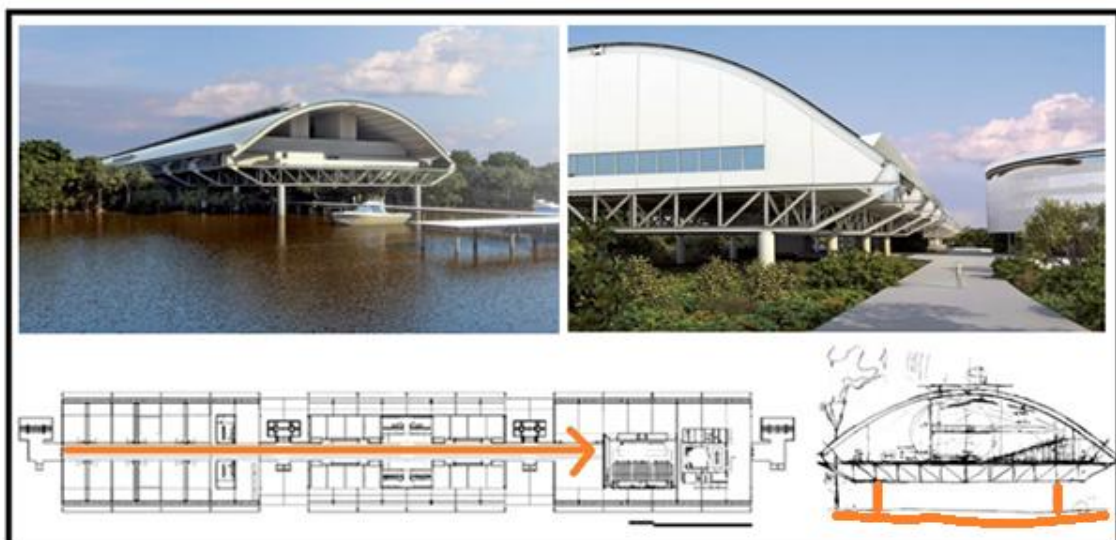
Atualmente vem crescendo o número de projetos habitacionais destinados a comunidades tradicionais na Amazônia, os quais rompem com a familiaridade do antigo espaço a partir da não consideração do tipo natural das palafitas. Quando o arquiteto age nesses ambientes confronta-se com inúmeras variáveis, muitas vezes desconhecidas e tenta processá-las todas juntas ou, muitas vezes, cria conceitos para definir categorias ou grupos de requisitos; (ALEXANDER, 1971) mas dificilmente atua no *tipo*.

Evidências são apontadas no conflito arquitetônico existente entre a casa anterior *tipo palafita* e a nova moradia produzida por arquitetos (MENEZES ET. AL, 2012; SAMPAIO, 2013; SILVA, 2013) com estudos de configuração espacial das palafitas e dos sobrados na área da Vila da Barca (Belém-PA) que investigam comparativamente soluções geométricas e topológicas da habitação social com e sem arquitetos. Os estudos demonstram que há ausência de identificação do morador com o novo espaço habitacional que é reforçado pelas falas dos mesmos por meio de consultas verbais.

Um projeto arquitetônico que busca se aproximar do *tipo palafita* da Amazônia é o Instituto Tecnológico Vale (ITV) projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha em conjunto com o escritório Piratininga Arquitetos no Parque de Ciência e Tecnologia do Pará - UFPA na cidade de Belém. Apesar do caráter institucional e não habitacional, o projeto resgata algumas características desse modo de vida amazônico pelo *tipo palafita*.

Sob o Rio Guamá, o ITV dialogará com o regime das águas e a floresta interferindo minimamente no meio ambiente. A configuração longitudinal do bloco principal cria circulações lineares, muito semelhante à disposição dos cômodos em algumas habitações em palafitas na Amazônia, como Silva (2013) e Menezes et. al (2012) evidenciam. O contato entre os blocos se dá por longos caminhos que também podem ser comparados às estivas, além do uso de estacas sob as águas, neste caso de aço galvanizado, como mostra a Figura 4.

Figura 04: Instituto de Tecnologia Vale – ITV.



Projetar pelo método tipológico, ou seja, pelo uso de tipos, (MAHFUZ, 1986) revela a utilização de um princípio que rege a criação da diversidade, incluindo referências não geométricas do usuário, essas que permanecem vivas na vivência do usuário, um avanço como ponto de partida do projeto de arquitetura. (PERDIGÃO, 2009) A adoção do *tipo palafita* como repertório permite ao arquiteto agir pelas adaptações ao sistema e ao mesmo tempo atende as particularidades de cada grupo de usuários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *tipo palafita* na Amazônia dialoga não só com o ambiente físico, mas com os aspectos culturais e a vivência cotidiana dos ribeirinhos, o que torna essas construções espontâneas uma tradição na região amazônica, revelando traços significativos da cultura amazônica pelo modo de vida. O *tipo palafita* se reproduz de modo espontâneo no ambiente amazônico, mas também pode ser apropriado pelo arquiteto a partir da compreensão das relações espaciais socialmente produzidas, evidenciando uma linguagem do espaço característica entre morador e ambiente físico, e assim as características culturais desse povo podem ser mantidas para que não se perca o significado do lugar.

A vivência humana no espaço físico, principalmente nos lugares de longa permanência humana, como a casa, necessita ser considerada durante o processo de projeto. (PERDIGÃO 2010) Além de um objeto construído, seja com materiais tradicionais ou técnicas modernas, o espaço arquitetônico acima de tudo abriga o homem em sua totalidade, abrangendo suas necessidades, aspirações e desejos e para que este espaço seja utilizado pelo próprio homem, necessita ter significado para ele.

O apoio da teoria da cibernética permite a reflexão e construção de conhecimento perante a proposição arquitetônica. A síntese dos condicionantes abordados em forma de raciocínio projetual abre caminhos para este tipo de pensamento crítico e para novas propostas que quando atreladas ao conhecimento teórico possuem embasamento para a justificativa projetual, o que torna a prática profissional mais reflexiva e controlável.

Buscando responder os questionamentos levantados a respeito do papel do arquiteto e a proposição pelo *tipo*, acredita-se que o projeto de arquitetura que parte do *tipo* como um sistema, tende a analisar a natureza do ambiente, dos signos e as interações necessárias para o bom desempenho da proposta. Desta forma, o arquiteto como o gestor desse sistema compensa a organização de espaços e ambientes que considerem os aspectos culturais e as relações espaciais, além de tornar o ribeirinho um agente ativo na construção do repertório projetual, através de uma “troca dialética”, como propõe Pask (1969), entre o saber operativo e o saber empírico enraizado no *tipo palafita*.

Como há a inserção do observador, neste caso o arquiteto, há interações cibernéticas de segunda ordem, logo o arquiteto deve dialogar com o *tipo palafita* a fim de entender o seu funcionamento e assim identificar nos subsistemas a demanda de soluções necessárias para atingir o equilíbrio nas propostas projetuais. Como isto pode culminar em “modos de ver” desconhecidos pelo mesmo, o segundo feedback afere se o resultado atendeu o objetivo.

A inserção deste observador ao sistema pode trazer resultados bastante satisfatórios. Através do seu conhecimento técnico e científico ele controla as adaptações insatisfatórias ao bom funcionamento do sistema, como as recorrentes modificações de material construtivo nas palafitas, que muitas vezes são feitas de forma inequívoca e sugere soluções para os recorrentes problemas, como a questão da insalubridade os quais são responsáveis pela imagem negativa dessas áreas. No ITV, mesmo que de maneira generalizada, há uma preocupação quanto ao funcionamento do ambiente amazônico e com isso uma aproximação do modo de apropriação desse espaço.

É importante perceber que a erradicação do *tipo palafita*, do cenário amazônico, ou seja, ação no sistema de maneira global, não é a melhor solução. Atualmente os projetos realizados para áreas em palafitas visam o aterramento e a substituição do tipo de moradia, mas tem gerado insatisfação e a recorrente mobilidade para outras áreas alagáveis, porém cada vez mais com maior precariedade. Desta forma, fica evidente a importância do *tipo* que possibilita a permanência desse tradicional modo de vida na Amazônia.

AGRADECIMENTOS

A CAPES pela bolsa de mestrado junto ao PPGAU-UFGA. Ao PROCAD/Casadinho cujos recursos auxiliaram minha participação na disciplina de pós-graduação 'Concepção Arquitetônica e Cultura Digital', ministrada pela professora Dra. Anja Pratschke no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - São Carlos (SP). À professora Anja Pratschke pelo apoio e conteúdo ministrado. À minha orientadora Klaudia Perdigão pelo amadurecimento do conhecimento adquirido através das orientações da pesquisa de mestrado.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, C. **De la synthèse de la forme, essai**. Paris: Dunod, 1971.
- BARDA, M. **Espaço (meta)vernacular na cidade contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BATESON, G. **Steps to an Ecology of Mind**. San Francisco: Chandler Pub. Co., 1972.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. **Nada provém do nada**. São Paulo: Projeto n. 69, 1984. p. 90-95).
- MAHFUZ, E. C. **Tradição e Invenção: uma dialética fundamental**. In: 2º Encontro nacional sobre ensino de projeto, 1986. Porto Alegre. Anais do 2º Encontro nacional sobre ensino de projeto. Porto Alegre: FAU/UFRGS, 1986 v. 2 p. 56-78
- MALARD, Maria Lucia. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MENEZES, T. M. S.; PERDIGAO, A. K. A. V.; FELISBINO, D. A. **Abordagem geométrica entre a informalidade e a formalidade da habitação amazônica**. In: NUTAU, 2012, São Paulo. BRICS e a Habitação coletiva sustentável, 2012.
- NORBERG-SHULZ, C. **Arquitectura Occidental**. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.
- OLIVER, Paul. **Built to meet needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture**. Amsterdam: Elsevier, 2006.
- OLIVEIRA, R. Construção, composição, proposição: o projeto como campo de investigação epistemológica. In: CANEZ, A. P.; SILVA, C. (Orgs.) **Composição, partido e programa: uma revisão crítica de conceitos em mutação**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2010.
- OLIVEIRA JUNIOR, Jair Antonio. **Arquitetura Ribeirinha sobre ás águas da Amazônia: o habitat em ambientes complexos**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2009.
- PASCHOALIN, D. M. **O horizonte da conversação: concepções do processo projetual arquitetônico**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2012.
- PASK, G. **The architectural relevance of cybernetics**. Architectural Design. Londres, 1969.
- PERDIGÃO, A. K. A. V. **Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura**. *Arquitextos* (SP), v. 114, p. 257, 2009. Disponível em: www.vitruvius.com.br/arquitexto/arq000/esp527.asp.

PERDIGÃO, A. K. A. V. & BRUNA, G. C. **O papel do projeto de arquitetura na produção da moradia.** In: PPLA 2010: Seminário Política e Planejamento, 2, 2010. Curitiba. Anais... Curitiba: Ambiens, 2010. [CD].

RAPOPORT, A. **Aspectos humanos de la forma urbana:** hacia una confrontación de las ciencias sociales com El diseño de La forma urbana. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1978.

RUDOLFSKY, Bernard. **Architects Without Architects.** London: Ed. Academy London Editions, 1964.

SAMPAIO, T. G. **Estudo de tipologias habitacionais amazônicas com análise ambiental para fins projetuais.** Belém: UFPA, 2013. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará.

SILVA, M. N. E. S. da. **Investigação projetual de habitação social:** o caso "Vila da Barca". Belém: UFPA, 2013. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará.

SIMONIAN, Ligia T. L. **Palafitas, estivas e sua imagética na contemporaneidade urbanorrural a pan-amazônia.** Papers do NAEA nº 267- 2010. Belém: NAEA/ UFPA.